

Turismo e Observação de espécies em Parques Urbanos: a percepção dos visitantes sobre o aquário Jacques Huber do Parque Zoobotânico do Museu Paraense Emílio Goeldi – Belém (PA)

DOI: 10.2436/20.8070.01.232

Lillian Núbya Lima Souza

Bacharel em Turismo pela Universidade Federal do Pará, Brasil.

E-mail: lilliannubya@gmail.com

Fabrcio Lemos de Siqueira Mendes

Doutor em Desenvolvimento Socioambiental, pela Universidade Federal do Pará (NAEA/UFPA), Brasil.

Professora da Universidade Federal do Pará, Brasil.

E-mail: fabriciolsm@ufpa.br

Helena Doris de Almeida Barbosa

Doutora em Desenvolvimento Socioambiental, pela Universidade Federal do Pará (NAEA/UFPA), Brasil.

Resumo

A observação de espécies em ambientes fechados como os parques urbanos pode se constituir um atrativo turístico que associa a viagem à contemplação de elementos, tais como fauna e flora. Com relação à observação de fauna, os aquários são um dos importantes ambientes à contemplação da ictiofauna, assim como é um espaço propício ao lazer e à Educação Ambiental (EA). O Aquário Jacques Huber (AJH) do Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG) está localizado no município de Belém, estado do Pará e possui várias espécies aquáticas e répteis da Amazônia adequados para a observação de espécies, educação ambiental e lazer. Inaugurado em 1911, é considerado o mais antigo aquário público do Brasil. O objetivo deste artigo foi identificar a percepção dos visitantes acerca do espaço, bem como sua acessibilidade, sinalização, climatização e infraestrutura, como também se ele é um espaço de EA e o perfil de seus visitantes.

Além da pesquisa bibliográfica, aplicou-se 157 questionários semiestruturados e fechados, no período de março a maio de 2019 com enfoque quali-quantitativo, cujo resultado classificou o Aquário como excelente espaço de observação de espécies. Entretanto, o público apontou a necessidade de mais monitores para fortalecer a perspectiva educativa do espaço. Concluiu-se, portanto, que o AJH possui uma estrutura acessível aos seus visitantes, porém há a necessidade de percebê-lo enquanto local de educação e de conhecimento informal, através de um sistema de monitoria mais consolidado e eficaz.

Palavras-chave: Aquário Jacques Huber. Turismo. Amazônia. Parque Urbano.

1 INTRODUÇÃO

O turismo caracteriza-se como um fenômeno multidisciplinar que abrange aspectos da cultura, lazer, contextos históricos, ambientes naturais etc. Panosso Netto (2010) apresenta a atividade recuperando suas definições ao longo do tempo e enfatiza que se constitui em uma prática social que permite uma multiplicidade de perspectivas, tendendo a se expandir e se a consolidar a partir de novas necessidades. No entanto, é uma prática que possui ainda fragilidades conceituais e carece de uma base teórica que lhe permita ser apontada como disciplina. Tal contexto, segundo Marujo (2016, p. 114), justifica-se pelo fato de o “turismo possuir uma natureza complexa e, por isso, requerer vários métodos e disciplinas que interatuam para produzir conhecimentos que possam contribuir para uma maior compreensão do fenômeno”.

Integra juntamente com outras atividades a área do lazer, considerada essencialmente como terceiro setor da economia, bem como é percebido como alternativa para os males da angústia humana contemporânea, e, envolve experiências que dão sentido à vida (LACERDA, 2007). O lazer, enquanto prática mais abrangente, consiste em um conjunto de ocupações a partir das quais a pessoa é livre para repousar, recrear ou entreter-se e isto produz um revigoramento, aumentando a qualidade de vida e diminuindo o *stress* ocasionado pela rotina diária (DUMAZEDIER, 1973; LAGE, 2001). Pode inclusive agregar-se ao prazer do conhecimento vivenciado no âmbito cultural e/ou natural.

Este artigo é fruto desta conexão do lazer associado ao ambiente natural, mais especificamente com o Aquário Jacques Huber (AJH), que se constitui em uma referência regional no que tange a observação da fauna aquática da região, vindo a instituir-se em um consolidado atrativo de lazer e turismo da cidade de Belém. Associar o turismo a espaços naturais ou não naturais que contenham espécies e/ou fragmentos da natureza, como os parques urbanos, permite o conhecimento e valorização dos recursos naturais existentes como a dinamicidade de ações pautadas na EA. Os parques urbanos de acordo com Pacheco e Raimundo (2014, p. 61):

Os parques urbanos imersos no cenário das cidades contemporâneas, apresentam-se como espaços potenciais do encontro intercultural educativo [...] as práticas culturais desenvolvidas nestes espaços, aqui denominadas de animação socioambiental nos é dada a partir dos parques urbanos.

Tais práticas são uma realidade presente no AJH, localizado no Parque Zoobotânico do Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG), em Belém, capital do Pará. Considerado um dos aquários públicos mais antigos do Brasil, fundado em 1911, se constitui referência nas atividades de pesquisa, Educação Ambiental (EA) e lazer na região. Frente a esta relevância esta pesquisa objetiva conhecer o perfil e a percepção dos seus visitantes, considerando os aspectos de acessibilidade, sinalização, climatização e infraestrutura, bem como em que medida vem ou não cumprindo seu papel educativo não formal na cidade de Belém.

2 TURISMO EM PARQUES URBANOS

O Turismo, enquanto atividade multidisciplinar, vem se consolidando no século XX mediante momentos de expansão e retração, a exemplo do que se tem vivenciado no ano de 2020 com o advento da pandemia de COVID-19. De acordo com Meca e Gedoz (2020, p. 3),

o turismo responde hoje por 3,71% do PIB do país e a perspectiva é de que a atividade econômica do setor deva cair 39% em 2020, num segmento que emprega mais de 7 milhões de brasileiros e, segundo o IBGE, a probabilidade de o turismo começar a se recuperar, acontecerá somente doze meses após o fim do isolamento social.

No entanto, a reversão deste processo pode se constituir com o fomento do turismo interno, pautado na diversidade de segmentos existentes no Brasil, principalmente aos associados à questão ambiental que tem uma lógica que se adequa aos novos postulados de convívio social.

Os parques urbanos se constituem em uma prática de planejamento essencialmente voltada para a população local, no entanto. Segundo Furegato (2005), a atividade turística em áreas verdes urbanas se utiliza destes espaços com fins de valorização cultural, marketing, situação, modismo, além do vínculo afetivo que pode ser estabelecido a partir da observação de elementos naturais regionais presentes no meio ambiente urbano. Os parques urbanos constituem-se e espaços que se transformam em lugares de natureza, e que de acordo com Melo (2013) constroem e (re) significam relações a partir da visitação desses espaços fortalecidas pelo turismo.

A visitação a estes locais como o Parque Zoobotânico do Museu Paraense Emílio Goeldi e o AJH permitem vivências e contemplação da natureza ou de algum elemento específico, como aves, peixes, mamíferos e a flora regional, associada a prática cultural estabelecida na região a partir destes elementos, em meio urbano. A trajetória de criação dos parques urbanos na sociedade ocidental é traçada por Soares (2009) evidenciando que os mesmos já estavam presentes na Europa desde o século XIX e de lá se expandido para o restante do mundo e inspirado inúmeros parques criados à época na América do Sul por paisagistas europeus em países como Argentina, Uruguai e Brasil.

Evoluindo e com diversos perfis, os parques urbanos se expandem associados ao planejamento urbano das cidades, com finalidades de lazer, a exemplo de São Paulo, Rio de Janeiro e Pará. Kliass (1993) ressalta o fato de que a maioria dos parques urbanos foram criados pelo poder público municipal ou estadual, apesar das existências de algumas iniciativas privadas neste sentido.

Em Belém no início do século XX, foi criado o primeiro parque urbano nestes moldes, o Bosque Rodrigues Alves, um fragmento de mata nativa que até hoje se constitui em um dos principais espaços de lazer e turismo. Hoje depara-se com as consequências do crescimento e pressão urbana. Para Kliass (1993), os parques urbanos constituem-se em espaços públicos com dimensões significativas e predominância de elementos naturais, principalmente cobertura vegetal, com fins de recreação, o que é corroborado por Lima (1994) ao afirmar que estes têm função ecológica, estética e de lazer, mas com uma extensão maior que as praças e os jardins públicos.

No âmbito do Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC) a definição que mais se aproxima dos parques urbanos são os Parques Naturais Municipais que tem como objetivo a:

preservação de ecossistemas naturais de grande relevância ecológica e beleza cênica, possibilitando a realização de pesquisas científicas e o desenvolvimento de atividades de educação e interpretação ambiental, de recreação em contato com a natureza e de turismo ecológico (BRASIL, 2000, s.p.).

De acordo com Streglio e Oliveira (2011) há uma diversidade de definições e enfoques sobre os parques zoológicos, no entanto, tais definições podem ser agrupadas em dois aspectos, as dimensões espaciais e a diversidade de funções ecológicas e sociais que estes podem desempenhar na cidade, inclusive para o turismo.

Silva e Carvalho (2014) apresentam uma possibilidade de um novo nicho de mercado turístico, o turismo de jardins em Portugal ou em Parques, no qual o indivíduo observa e vivencia o espaço enquanto atrativo de fruição estética sensorial, ambiental e educativa. O ponto em comum nos trabalhos destes autores é a prática do turismo em espaços abertos, ao ar livre, que podem ou não envolver pagamentos de taxas para tal prática. Apesar de pouco divulgado e de abrangência restrita ou não, trazem na sua essência a possibilidade do conhecimento associado ao lazer/prazer.

Os parques urbanos oportunizam a prática de um turismo que deve estar em equilíbrio com a natureza, com especial atenção às questões sociais, culturais, ambientais e econômicas para promover o bem-estar das espécies observadas. Logo, o principal objetivo desta prática, quando desenvolvida de forma sustentável, é gerar benefícios tanto para a conservação quanto para a comunidade local (BENTZ et al., 2016). Associado ao turismo a visitação em parques torna-se uma relevante alternativa de renda para os atores locais envolvidos direta e/ou indiretamente com a atividade.

3 AQUÁRIOS: UMA ATRATIVIDADE PARA O TURISMO

No início do século I, os romanos mantinham peixes vivos armazenados em tanques de mármore como objeto de decoração e *status* social. Ao longo dos anos, fizeram adaptações e colocaram vidraças nas laterais a fim de obter maior visibilidade das espécies (BRUNNER, 2005). De acordo com Coe e Araújo (2010), a China foi responsável pelo cultivo controlado ou semicontrolado de animais aquáticos, sendo o berço do aquarismo que, posteriormente, se espalhou pelo mundo. Os reservatórios passaram a chamar-se “aquários” e tornaram-se instrumentos fundamentais de pesquisas científicas (BALON, 1995; BRUNNER, 2005).

O aquarismo emerge como um *hobby* ou lazer, e, aos poucos, configura-se como uma alternativa didático-metodológica para o ensino, além de ser um atrativo turístico.

Ferraz et al. (2019) afirmam que os aquários podem ter relevância na medida em que promovem a sustentabilidade dos ecossistemas aquáticos, bem como por serem indutores de TO, incentivando a prática, inclusive, em escala doméstica.

Os aquários se expandiram no mundo a partir de iniciativas públicas, particulares e/ou domésticas. Estimulam a curiosidade sobre a ictiofauna – como no caso deste trabalho, a ictiofauna amazônica – aguçando a capacidade investigativa dos seus frequentadores, valorizando-a e conservando-a mediante a conexão dos componentes bióticos, abióticos e antrópicos para sua manutenção.

Em 1850, houve uma expansão de aquários em diversos países europeus, o que atraiu inúmeros visitantes. De acordo com Paiva (2011), o primeiro aquário, *Regent's Park*, surgiu em Londres, em 1853. Os Estados Unidos e o Japão são os países com o maior número de aquários públicos. Paiva (2011, p. 1) o define como sendo “instalações abertas ao público que mostram em aquários, animais aquáticos ou semiaquáticos¹. São espaços constituídos por aquários de tamanhos variados, podendo atingir vários milhões de litros de capacidade [...]”. Segundo o autor, eles têm um papel relevante na sociedade, uma vez que se constituem locais para a pesquisa científica e sensibilização ambiental.

A população mundial tem a tendência a não se preocupar com o que não vê, os aquários públicos e todo o trabalho realizado neles, servem como mostra de sensibilização para todos, fomentando, assim, uma Educação Ambiental para melhorar algo que ajudamos a destruir e do qual pouco sabemos, o Oceano (PAIVA, 2011, p. 3).

Os aquários são espaços de múltiplas funções, tais como pesquisa, ensino e, mais recentemente, lazer e turismo. A partir disso, os gestores passaram a ter um cuidado diferenciado para melhor atender ao público, principalmente com relação à estética do prédio. Alguns aquários utilizavam mecanismos que provocavam a sensação de um ambiente mais aconchegante e natural para se tornar um espaço de lazer (BRUNNER, 2005).

Hoje, o aquarismo é uma atividade que movimenta mundialmente cerca de US\$ 25 bilhões de dólares por ano apenas nos Estados Unidos (FERRAZ et al., 2019). No Brasil, a prática vem se fortalecendo no século XXI, porém, segundo Ribeiro et al. (2008, s.p.), os dados quali-quantitativos ainda são frágeis.

Em 2007, o Brasil foi considerado o 18º exportador mundial de peixes ornamentais, com US\$ 5.051.895,00. Dos nove estados brasileiros, o Amazonas e o Pará exportam mais de 95%, sendo o restante das exportações compostas por peixes amazônicos enviados por outros estados, peixes de água doce do pantanal e peixes marinhos.

Observa-se que tal prática é extremamente lucrativa e é regulamentada pelo Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), que de acordo com Gurjão (2018), mostra-se contraditório e ineficaz frente à prática ilegal da atividade. No entanto, perceber o aquarismo para além do viés econômico é o que se propõe este artigo.

¹ São animais que vivem grande parte do tempo dentro da água, a exemplo dos pinguins, das lontras e das ariranhas.

Associar a EA aos aquários públicos é algo presente na América do Sul. Santos, Gallom e Virga (2009) afirmam que esta integração emerge como uma possibilidade de recuperação da saúde global, reeducando a sociedade. Os aquários tiveram grande influência para atrair a sociedade às práticas de EA, lazer e turismo e a interação do homem com a natureza promove a conservação ambiental através do interesse pessoal nos aspectos naturais (LOUV, 2008).

A necessidade da EA nos aquários justifica-se pelo que Scopel et al. (2017, p. 88) enfatizam com relação à preservação dos recursos e das comunidades aquáticas, a saber: “O gerenciamento dos recursos hídricos buscando-se seu uso racional aliado a prevenção da poluição e à recuperação dos sistemas afetados, é essencial à preservação da vida e da saúde ambiental e humana”. O que é apresentado nos aquários serve de alerta para a necessidade de mudança de comportamento no que tange ao uso dos recursos hídricos.

No século XX os aquários além do lazer e de entretenimento, tornaram-se espaços de pesquisas. Essa mudança ganhou força principalmente das Instituições que se dedicavam a expor animais marinhos, alguns de grande porte, tais como: baleias (*Mysticeti*) e golfinhos (*Delphinus delphis sp.*) (KISLING JUNIOR., 2001). Para Scopel et al. (2017), montar, manter ou visitar um aquário vai além do lazer e da ludicidade, posto que instiga o conhecimento a partir do desenvolvimento do “espírito investigativo”, permitindo o despertar da consciência ambiental sobre os recursos hídricos por meio da compreensão da fragilidade destes sistemas.

No Brasil, o aquarismo iniciou no Rio de Janeiro em 1922 e, a partir das inovações tecnológicas, vem se consolidando inclusive como *hobby* (GELLER et al., 2020). Stambuk (2019) afirma a importância do estabelecimento de circuitos de visitas em oceanários, podendo estender-se aos aquários públicos visando destacar a importância dos recursos hídricos e a necessidade de sua preservação para as gerações futuras. Tais espaços, além de (re) conectarem o indivíduo à natureza, proporcionam lazer e cultura, gerando emprego e renda local.

Stambuk (2019, p. 15), afirma que os “[...] aquários passam a ser verdadeiras unidades educativas que disponibilizam o conhecimento científico para os visitantes por meio de tanques com organismos vivos e, às vezes, modelos”. Portanto, há de se trabalhar também estes espaços, a partir de uma perspectiva museológica, articulando seus múltiplos aspectos associados à sensibilização ambiental. Silva, Santos e Téram (2019, p. 281), afirmam que:

[...] a sensibilização ambiental busca despertar nas pessoas o sentimento de cuidado, de afeto, de amor, de respeito e de pertencimento com o meio ambiente, favorecendo a criação de um elo mais sensível entre o ser humano e a natureza, possibilitando mudanças atitudinais e comportamentais em relação às problemáticas socioambientais que afetem nosso planeta.

O Aquário Jacques Huber é datado de 1911 e seu nome é uma homenagem ao botânico suíço Jacques Huber, que trabalhou no Museu Paraense Emílio Goeldi no período de 1867 a 1914. Obteve a ajuda do desenhista Ernest Lohse, que também projetou e edificou o local (SANJAD, 2009).

Soares (2009) informa que o Parque Zoológico do Museu Paraense Emílio Goeldi, enquanto parque público urbano é tombado como patrimônio estadual e federal. Como tal vem desde a sua fundação se constituindo em um espaço de pesquisa,

educação e lazer para o público visitante. É considerado o jardim botânico mais antigo do país e mais relevante da Região Metropolitana de Belém. “Concentra em uma só área no centro da cidade um jardim botânico, um zoológico, um aquário e pavilhões de exposições museológicas (SOARES, 2009, p. 16). Isso faz do mesmo um dos parques públicos urbanos mais visitados do país.

No princípio, o AHJ apresentava uma arquitetura em *art nouveau*², onde exibia diversas espécies de peixes amazônicos. Ao longo dos anos, realizaram-se inúmeras reformas, o que ocasionou a perda da sua forma original. Nos anos de 2008 e 2009, reconstruiu-se as torres laterais, com a ampliação do espaço para receber as serpentes e os quelônios, o que possibilitou a melhoria do manejo dos animais existentes nos recintos (MPEG, s. d.). Após a reforma, o local passou quase uma década fechado ao público, reabrindo em 2017 e, posteriormente, em 2019, recebeu novamente reparos.

O aquário é um importante espaço para estimular os visitantes às práticas de lazer e de EA. O público, ao adentrar no local, passa a ter um contato mais próximo com os animais, levando-os a uma sensibilização através do conhecimento de aspectos comportamentais e fisiológicos das espécies. Constitui-se em um locus ideal para ações de aproximação entre a sociedade e o ambiente natural.

4 METODOLOGIA

4.1 A área de estudo

O MPEG é um dos maiores museus de história natural do Brasil, considerado como a maior instituição científica da Amazônia. Apesar do Parque Zoobotânico ser o mais conhecido e mais visitado, o Museu possui, também, o Núcleo de Inovação e Transferência de Tecnologia (NITT), a Estação Científica Ferreira Penna (ECPn) e o Horto Botânico Jacques Huber.

O *campus* de pesquisa funciona desde 1978 e situa-se na Avenida Perimetral, bairro da Terra Firme, em Belém, onde encontram-se laboratórios, coordenações de pesquisa e de planejamento. Há 17 coleções científicas nas áreas de Botânica, Zoologia, Arqueologia, Etnografia, Linguística, Paleontologia, Minerais e Rochas. Além disso, abriga a Biblioteca Domingos Soares Ferreira Penna, o Arquivo Guilherme de La Penha, o Núcleo de Inovação e Transferência de Tecnologia e os cursos de Pós-graduação *scrito sensu* em convênio com a Universidade Federal do Pará (UFPA). Todas essas instalações proporcionam ações diversificadas de educação com os centros comunitários.

A Estação Científica Ferreira Penna foi construída em 1993 dentro da Floresta Nacional de Caxiuanã (PA), através da parceria do MPEG com o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais (IBAMA). Sua área corresponde a aproximadamente 3.000 m² e tem como objetivo promover atividades de EA, apoiar estudos sobre a biodiversidade amazônica e incentivar as pesquisas do Museu e da comunidade em geral.

² Movimento surgido na Europa na última década do século XIX, em reação ao ecletismo e o historicismo acadêmico que estavam em voga na época e à desvalorização que ocorria em determinados setores da arte devido à chegada da Era industrial. Foi um fenômeno essencialmente urbano e cosmopolita que se desenvolveu, sobretudo, na Europa, mas tem expressões nas Américas e em vários países da cultura ocidental, entre a última década do século XIX e a Primeira Guerra Mundial (ARGAN, 2006).

O Parque Zoobotânico do MPEG, localizado no bairro de São Brás (Belém/PA), foi fundado em 1895 pelo pesquisador suíço Emílio Goeldi com o intuito de conservar e divulgar os estudos adquiridos a respeito da região amazônica. Com uma extensão de 5.4 hectares, o Parque funciona de terça à domingo. Sua estrutura física é composta por recintos que abrigam em seu interior algumas espécies de animais. Possui, em suas dependências, um auditório, uma biblioteca (Clara Galvão) e um pavilhão de exposições (Rocinha). Com 123 anos de história, o Museu retrata a realidade de espécies encontradas na região amazônica, atraindo muitos visitantes e pesquisadores do mundo todo.

Jacques Huber trabalhou no Museu Paraense em 1895, a pedido do então diretor Emílio Goeldi. Por chegar à cidade no auge do Ciclo da Borracha, por ter formação em botânica, dedicou-se a pesquisar e a mapear as seringueiras, o que resultou em diversos trabalhos científicos, além da criação do aquário (Figura 1).

Figura 1 - Aquário do MPEG (1911)



Fonte: PARÁ, 1998.

O botânico (Figura 2) desenvolveu, também, estudos acerca da natureza amazônica, especialmente sobre frutos, matas e madeiras regionais. Em 1913, investigou o látex e a produção do cacau. Dentre suas ações está a criação do Herbário³ Amazônico do MPEG. Faleceu em 1914.

³ Herbário é uma coleção de amostras de plantas (um raminho ou uma pequena planta com flores e/ou frutos) fixadas em folhas de cartolina, contendo uma etiqueta com dados referentes à amostra; geralmente as amostras são prensadas e secas e são conhecidas entre os taxonomistas botânicos pelo nome de exsicatas (CAVALCANTE, 1984, p. 5).

Figura 2 - Jacques Huber



Fonte: CUNHA, 2009.

A fachada original do AJH foi completamente modificada entre os anos de 2008 e 2009 (Figura 3), acarretando perdas patrimoniais, cujas características em *art nouveau* deram lugar a formas mais contemporâneas. No que diz respeito ao seu interior (Figura 4), há 12 tanques com diversas espécies de peixes amazônicos e um anexo que abriga seis espécies de répteis, a saber: jiboias (*Boidae*), sucuris (*Eunectes sp.*), periquitambóias (*Corallus caninus sp.*), suaçuboia (*Corallus hortulanus sp.*), teiús (*Tupinambis sp.*) e mata-matas (*Chelus frimbiata sp.*).

Figura 3 - Fachada atual do AJH



Fonte: SOUZA, 2018.

Figura 4 - Tanques para observação dos répteis



Fonte: SOUZA, 2018.

Localizado no interior do Parque Zoobotânico do MPEG, atualmente é administrado pelo Ministério da Ciência, Tecnologia Inovação e Comunicação (MCTIC), fazem parte do seu corpo técnico: dois recepcionistas, um responsável pela manutenção dos répteis e um funcionário que cuida da manutenção dos peixes com o auxílio de bolsistas da aquicultura. Recebe, também, ajuda de voluntários do Projeto de Extensão Visitas em Parque Zoobotânico, desenvolvido por docentes e discentes da Faculdade de Turismo (FACTOR) da Universidade Federal do Para (UFPA).

4.2 Procedimentos metodológicos

Como metodologia, realizou-se um levantamento bibliográfico sobre o aquário Jacques Huber para dar suporte teórico à pesquisa, o campo foi constituído a partir da observação sistemática do espaço e coleta de dados. Os dados foram coletados por meio de um questionário⁴ que permitisse um enfoque qualiquantitativo para conhecer a percepção e o perfil dos visitantes do AJH, observando questões como, gênero, escolaridade, idade, acessibilidade, recepção, monitoramento dentre outros, que permitisse o aprofundamento do dado quantificado, trazendo outros dados, que estão além do conhecimento imediato, a partir da observação *in locu*. Associado a isso, efetuou-se o registro fotográfico a fim de captar momentos do comportamento do público alvo da pesquisa.

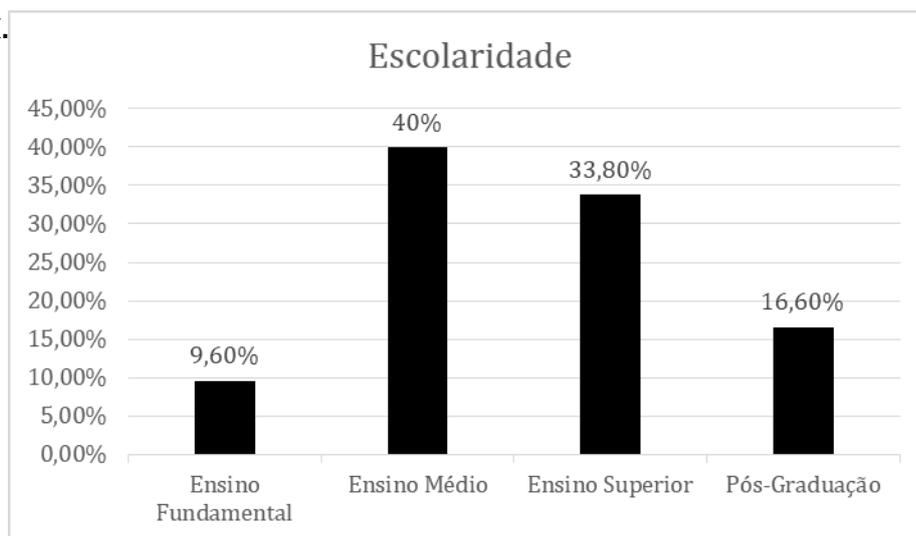
Foram aplicados 157 questionários semiestruturados, com perguntas fechadas no período de março a maio de 2019 durante o horário de funcionamento do aquário, inclusive nos finais de semana – período de maior fluxo de visitantes. A escolha dos entrevistados se deu aleatoriamente, tendo como pré-requisito o fato do entrevistado já ter visitado o AJH. Transcreveu-se os dados para uma planilha do *Excel*, tabulou-se os resultados em valores absolutos e converteu-se os dados relativos para obter uma melhor interpretação a partir de uma análise qualiquantitativa dos visitantes do Aquário. O estudo tem uma abordagem descritiva e analítica, enfatizando a perspectiva dos visitantes *versus* o papel e a funcionalidade do aquário enquanto instrumento de AE e da aproximação do indivíduo a natureza.

5 RESULTADOS

Os questionários foram respondidos por visitantes de ambos os gêneros. Dos entrevistados, 64,3% são do gênero feminino e 35,7% do gênero masculino. Com relação à faixa etária, a maioria dos entrevistados é composta por jovens entre 21 a 30 anos, correspondendo a 60% do total, os demais (40%) estão na faixa etária entre 31 a 50 anos. No que se refere a escolaridade dos entrevistados, 40% possuem o nível médio (40%) e 9,60% cursaram o ensino fundamental. O perfil predominante é de mulheres jovens com formação no ensino médio (Gráfico01). Ressalta-se que o aquário recebe, também, muitas crianças, mas que não foram selecionadas para a coleta de dados.

⁴ Cf. APÊNDICE 1 – Aquário Jacques Huber, p. 23.

Gráfico 1 - Valores relativos do nível de escolaridade dos visitantes do AJH.



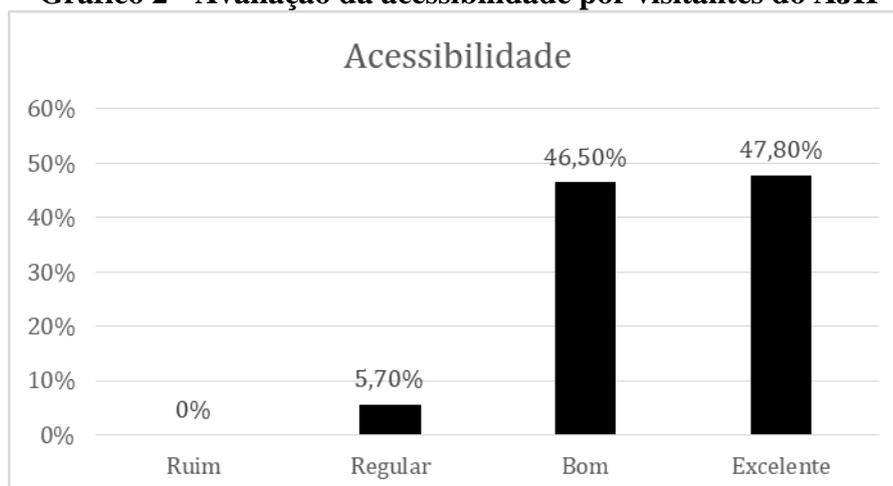
Fonte: Pesquisa de campo (2019).

Por ser o aquário mais antigo do Brasil e com fins de identificar o conhecimento de tal fato, questionou-se acerca da relevância do espaço para a cidade. Quando questionados sobre o nível de importância do aquário, 87,3% consideram o AJH como sendo um importante centro de visitação. Os entrevistados afirmaram que o espaço é uma oportunidade de aproximação e conhecimento das espécies amazônicas, além de colaborar para a conservação das espécies e para o estímulo à prática da EA. O que é apontado por Santos, Gallom e Virga (2009) ao tratarem das possibilidades de associação da EA aos aquários sul-americanos.

Posteriormente questionou-se acerca dos aspectos estruturais do AJH como acessibilidade, sinalização, recepção, infraestrutura e climatização. Para as questões de acesso, 47,80% classificaram-no como 'Excelente' e 46,50% 'Bom', principalmente para os cadeirantes, uma vez que há rampas de acesso para os ambientes internos e externos. Tal realidade constitui-se em uma exceção, haja visto que a maioria dos equipamentos de lazer existentes em Belém e na Amazônia, não dispõe de acessibilidade aos portadores de necessidades especiais. Apesar do aparato legal existente Furtado (2019) informa que de acordo com a Associação Paraense de Pessoas com Deficiência (APPD), a maioria dos espaços públicos de lazer, cultura e pontos turísticos da cidade não dispõe condições estruturais e humanas para atender esse público.

Nas dependências internas do Aquário existe um piso tátil para pessoas com baixa ou nenhuma visão, de forma a melhorar tanto o acesso quanto a locomoção interna. Apesar do aparato já presente para o deficiente, no entanto destaca-se a necessidade da inserção de textos em Braille nas placas de informações das espécies de peixes existentes no AJH. Não houve respostas classificadas como 'Insuficientes'. Para a resposta 'Regular', o percentual foi de 5,70% (Gráfico 2).

Gráfico 2 - Avaliação da acessibilidade por visitantes do AJH



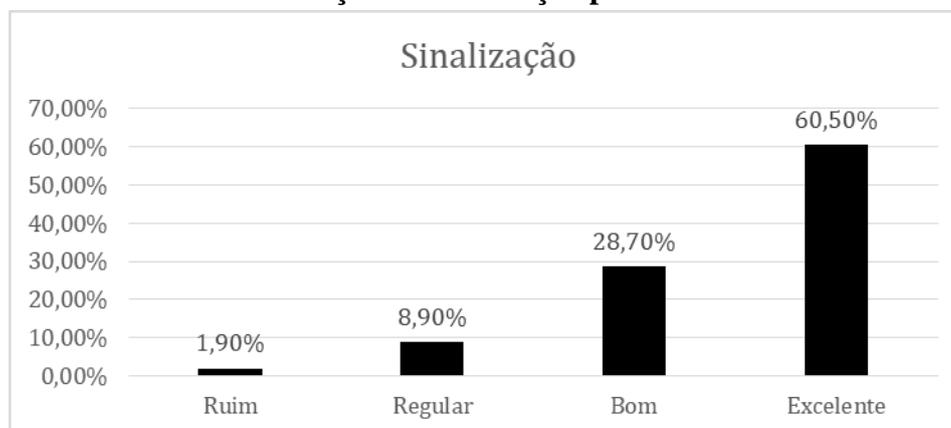
Fonte: Pesquisa de campo (2019).

No quesito sinalização das informações das espécies existentes nos aquários e nos recintos dos répteis, os entrevistados, em sua maioria (60,50%) classificaram o espaço como 'Excelente'. Vindo ao encontro do que Guedes e Leão (2007, p. 2) afirmam, que a:

[...] sinalização contribui de forma fundamental para a difusão do conhecimento dos atrativos, melhora o aproveitamento da visita no ponto turístico [...] permite o estabelecimento da comunicação, por meio de várias modalidades combinadas ou não, seja visual, auditiva ou tátil [...] além de oferecer informações úteis aos deslocamentos, por meio de placas direcionais, sempre que possível e oportuno deve ser composto, por placas interpretativas, contendo informações históricas e visuais, como mapas e desenhos.

No entanto informa-se que há necessidade de melhorar as placas correspondentes as sinalizações de entrada e de saída do AJH, pois alguns visitantes adentraram pela porta de saída. Em função disso, além da placa, é preciso que um monitor ambiental fique na saída do Aquário, direcionando adequadamente a entrada dos visitantes. Uma minoria classificou como 'Ruim' (1,90%), seguido de 'Regular' (8,90%) (Gráfico 3).

Gráfico 3 - Avaliação da sinalização por visitantes do AJH



Fonte: Pesquisa de campo (2019).

Com relação à climatização, não houve respostas classificadas como ‘Insuficiente’ ou ‘Regular’, apenas para ‘Excelente’ (56%) e ‘Bom’ (44%). Enfatiza-se que a climatização é bastante relevante por Belém, apresentar, em média, uma temperatura anual 28°C. Tal quadro vem sendo acompanhado pela FAPESP em Belém e Manaus, que afirma que “a elevação se deve principalmente ao crescimento da área urbanizada das cidades, processo que se acentuou nas duas últimas décadas, embora efeitos mais globais, ligados às mudanças climáticas de grande escala” (PIVETTA, 2012, sp). Caso isso não seja reversível, os danos farão com que haja busca cada vez maior por espaços que disponham de refrigeração e seus desdobramentos.

Para as questões relacionadas à recepção (Gráfico 4), 53,50% dos visitantes avaliaram-a como ‘Excelente’, acrescentando que os monitores internos são atenciosos e que passam as informações de maneira correta. Isso se deve à qualificação, tanto dos técnicos como dos bolsistas e voluntários dos projetos desenvolvidos no parque do Museu. Estes consistem em estudantes universitários das áreas de turismo, biologia, veterinária e engenharia ambiental, que desenvolvem ações nestes espaços dando complementariedade às suas formações acadêmicas, trabalhando principalmente a questão da EA que de acordo com Bonatto et al. (2013, p.1) os monitores podem se constituir em canais de “comunicação que veiculam saberes e conhecimentos e pode fazer parte das atividades de visitas a parques, jardins, praças e bosques. A sensibilização dos visitantes para com a natureza passa pelo uso de dos nossos sentidos (olfato, paladar, visão, audição e das várias formas de tato)

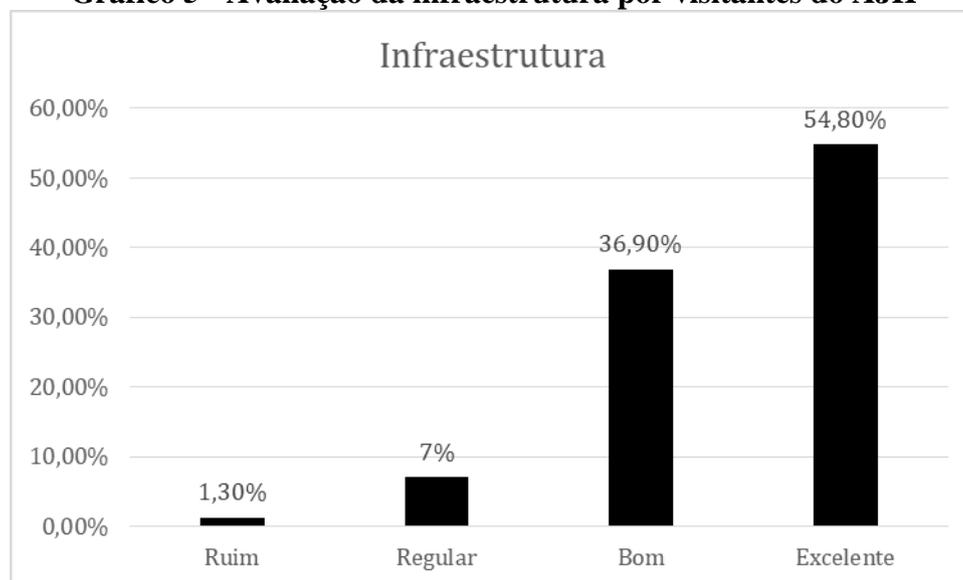
Gráfico 4 - Avaliação da recepção por visitantes do AJH



Fonte: Pesquisa de campo (2019).

Sobre a infraestrutura, 54,80% dos entrevistados responderam que é 'Excelente'. Uma percentagem muito baixa (1,30%) informou considerá-la 'Ruim' ou 'Regular' (7%) (Gráfico 5). Porém, houve relatos de que o Aquário precisa de manutenção mais frequente, pois observou-se algumas infiltrações e vazamentos nos tanques. O local já recebeu reparos para suprir essas necessidades.

Gráfico 5 - Avaliação da infraestrutura por visitantes do AJH



Fonte: Pesquisa de campo (2019).

Das entrevistas avaliadas, grande parte dos aspectos classificaram-se como 'Bom' ou 'Excelente', com algumas sugestões para a melhoria do Aquário, a saber: o aumento da quantidade de espécies, mais monitores para orientar os visitantes, melhoria

da limpeza e na acústica, instalação de uma cobertura na entrada para proteger do sol e da chuva, fixação de barras para impedir o contato dos visitantes com o aquário e melhoria da segurança no interior do AJH.

No Livro de Visitas do Aquário, cuja assinatura é opcional, observou-se que a maioria dos visitantes são oriundos da capital, Belém. No entanto, há 214 registros de turistas durante o período da pesquisa (março a maio de 2019) vindos de outros estados, como Ceará, Maranhão, São Paulo, Rio de Janeiro, Amapá, Mato Grosso, Pernambuco e Amazonas, além de 8 vindos de países como Angola, França, Japão, Portugal, Guiana Francesa, Itália, Paraguai e Estados Unidos. Observa-se assim, que o AJH, enquanto um dos espaços de lazer inseridos do Parque do MPEG, se consolida cada vez mais como um atrativo turístico, assim como também um canal de aproximação e conhecimento da população local de Belém com as espécies vegetais e animais regionais.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O aquário é um ambiente propício para a prática do turismo e para a EA, independente da faixa etária e da escolaridade do público. As pessoas sentem-se mais próximas e passam a compreender melhor o comportamento das espécies, bem como seus aspectos físicos e biológicos, oportunizando aos frequentadores um contato real, indo além das teorias presentes nos livros didáticos e/ou dos recursos midiáticos.

De um modo geral, os resultados da pesquisa foram satisfatórios, pois os visitantes do AJH consideram as avaliações positivas – entre Bom e Excelente –, com destaque para a ótima conservação das espécies amazônicas. Por meio da opinião dos usuários foi possível perceber que é preciso melhorar alguns aspectos da estrutura e serviços prestados no mesmo tais como acústica, ampliar a diversidade de espécies, bem como de monitores, cobertura na entrada, para que haja um ambiente mais propício à visitação. Confirmou-se, também, que o Aquário tem uma multifuncionalidade, já que é um espaço para pesquisa acadêmica, para o lazer e é um recurso didático para o ensino e EA, fomentando a aproximação e a valorização das questões ambientais. No entanto, seus visitantes desconhecem e/ou pouco valorizam seu aspecto histórico, reflexo de um momento vivido graças ao apogeu da atividade gomífera.

Notou-se que houve falha na manutenção do Aquário, pois, durante a pesquisa, o local apresentava alguns problemas de infiltração, vazamentos em tanques, falta de limpeza constante e problemas na acústica, fatos esses percebidos durante a pesquisa. Ressalta-se, igualmente, que é necessária a presença de um número maior de monitores para atender ao público, pois somente os recepcionistas não conseguem suprir a demanda e transmitir as informações específicas que os visitantes desejam.

Entende-se que esta pesquisa permite melhor compreender a interdisciplinaridade que norteia a atividade turística, no entanto como fatores limitantes dela está justamente na definição amostral uma vez que por estar inserido em um local aberto (Parque) e na maioria das vezes os adultos estavam acompanhados de crianças, nem sempre estas permitiam a efetivação da pesquisa. Somado a isso a não obrigatoriedade das respostas dos entrevistados também não permitia uma definição amostral mais precisa.

O MPEG, como um todo, constitui-se em um importante espaço para turismo, lazer, EA e pesquisa, sendo referência em preservação e conservação de espécies da região amazônica. Pode-se apontá-lo como um laboratório vivo de possibilidades de práticas de EA e lazer (turismo) tendo como cenário a ambiência amazônica em sua plenitude. Com isso pode-se levar o indivíduo a se identificar com o que está vendo e

vivenciando, ampliando assim seu comprometimento com a manutenção não só de um acervo institucional, mas também, de um patrimônio retratado naquele microcosmos.

BIBLIOGRAFIA

ARGAN, G. C. **Arte moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

BALON, E. K. Origin and domestication of the wild carp, *Cyprinus carpio*: from Roman gourmets to the swimming flowers. **Aquaculture**, v. 129, n. 1, p.3-48, 1995.

BENTZ, J.; LOPES, F.; CALADO, H.; DEARDEN, P. Enhancing satisfaction and sustainable management: whale watching in the Azores. **Tourism Management**, v. 54, p.465-476, 2016.

BONATTO, I. T.; MAINARDES, D.; MENDES, J. M.; SILVA, M. C. Práticas de educação ambiental em espaços públicos da cidade de Curitiba PR. **Revista Educação & Tecnologia**, v. 13, p.1-13, 2013. Disponível em: <http://revistas.utfpr.edu.br/pb/index.php/revedutec-ct/article/view/1710/1250>. Acesso em: 27 mai. 2021.

BRASIL. **Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000**. Regulamenta o art. 225, § 1o, incisos I, II, III e VII da Constituição Federal, institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza e dá 18.07.2000. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9985.htm. Acesso em 15 out. 2021.

BRUNNER, B. **The ocean at home: an illustrated history of the aquarium**. New York: Princeton University Press, 2005.

CAVALCANTE, P. B. **O Herbário do Museu Goeldi**. Belém: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico/Museu Paraense Emílio Goeldi, 1984.

COE, C. M.; ARAUJO, R. C. P. Análise da sustentabilidade da cadeia produtiva de peixes ornamentais na Região Metropolitana de Fortaleza-CE. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL, 48, 2010, Campo Grande **Anais** [...]. Campo Grande. Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/3760/1/2010_eve_cmcoe.pdf Acesso em 20 jul 2020.

CUNHA, O. R. Jacques Huber (1867-1914). **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, Belém, v. 4, n. 3, set/dez, p.489-502, 2009. Disponível em: <http://scielo.iec.gov.br/pdf/bmpegh/v4n3/v4n3a10.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2020.

DUMAZEDIER, J. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1973.

FERRAZ, J. D., et al. Aquarismo “jumbo”: representa um potencial para introdução de espécies no Brasil? **Oecologia Australis**, v. 23, n. 3, p.519-535, 2019. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/oa/article/view/19007> Acesso em: 20 jul. 2020.

FUREGATO, M. C. H. Parque Urbano Orquidário Municipal de Santos/SP: equipamento de lazer e turismo. **Revista Eletrônica Patrimônio e Lazer**, São Paulo,

2005. Disponível em: <http://www.unisantos.br/pos/revistapatrimonio/artigos.php?cod=36> .Acesso em: 11 mai. 2009

FURTADO, V. Acessibilidade é desafio para o desenvolvimento do turismo paraense. **O Liberal**. 27.10.2019. Disponível em: <https://www.oliberal.com/para/acessibilidade-e-desafio-para-o-desenvolvimento-do-turismo-paraense-1.207193>. Acesso em: 27 maio. 2021.

GELLER, I. V. Aquarismo no Brasil: do simples ao complexo e o descarte de espécies não nativas. **Comunicações BSBI**, v. 131, p.33-52, 2020. Disponível em: https://www.sbi.bio.br/images/sbi/boletim-docs/2020/marco_131.pdf Acesso em: 20 jul. 2020.

GUEDES, N. L. S.; LEÃO, R. M. Elementos para análise da sinalização de pontos turísticos. **GRAPHICA**, p.1-9, 2007. Disponível em: http://www.exatas.ufpr.br/portal/docs_degraf/artigos_graphica/ELEMENTOSPARA.pdf. Acesso em 27 mai. 2021.

GURJÃO, L. M. Legislação brasileira aplicada ao aquarismo marinho: a torre de babel ornamental. **Labomar – Arquivo de Ciências do Mar**, Fortaleza, v. 51, n. 1, p.130-139, 2018. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/arquivosdecienciadomar/article/view/19328> Acesso em: 20 jul 2020.

KISLING JUNIOR., V. N. Old collection sand menageries. In: KISLING JUNIOR, V. N. (Ed.). **Zoo and aquarium history: ancient animal collections to zoological gardens**. Boca Raton: CRC Press, 2001, p.1-48.

KLIASS, R. G. **Parques urbanos de São Paulo**. São Paulo: Pini, 1993.

LACERDA, L. L. L. Interface turismo-lazer: encontros e desencontros. SEMINÁRIO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO, 4, 2007, São Paulo. **Anais** [...]. São Paulo. Disponível em: <https://www.anptur.org.br/anais/anais/files/4/150.pdf> Acesso em: 08 jul. 2020.

LAGE, B. H. G. **Economia do turismo**. São Paulo: Atlas, 2001.

LIMA, A. et al. Problemas de Utilização na Conceituação de Termos como Espaços Livres, Áreas Verdes e Correlatos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ARBORIZAÇÃO URBANA, 2, 1994, São Luís/MA, **Anais...** São Luis, 18 a 24 de setembro de 1994.. p.539-553. Disponível em: <https://www.erambiental.com.br/var/userfiles/arquivos69/documentos/12925/LimaEtAl-AreasVerdes-1994.pdf>. Acesso em: 20 out, 2021.

LOUV, R. **Last child in the woods: saving our children from nature deficit disorder**. Chapel Hill: Algonquin Books, 2008.

MANSINA, R. **Introdução ao estudo do turismo: conceitos básicos**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2002.

MARUJO, N. O estudo de caso na pesquisa em turismo: uma abordagem metodológica. **Turismo: Estudos & Práticas**, Mossoró/RN, v. 5, n. 1, p.113-128, 2016. Disponível em: <http://periodicos.uern.br/index.php/turismo/issue/view/139> Acesso: 08 jul. 2020.

MELO, M.I.O. *Parques urbanos, a natureza na cidade: práticas de lazer e turismo*. 204f. 2013. Dissertação (Mestrado Profissional em Turismo). Centro de Excelencia em Turismo. Universidade de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/14302>. Acesso em: 20 out. 2021.

MECCA, M. S.; GEDOZ, M. G. A. Covid-19: reflexos no turismo. **Rosa dos Ventos: Turismo e Hospitalidade**, v. 12, n. 3, p.1-5, 2020 Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/rosadosventos/article/view/8902>. Acesso em: 08 mai. 2021.

MONACO, J. **Observação de aves é nicho em franco crescimento no Brasil**, 2019. Disponível em: www.panrotas.com.br/mercado/eventos/2019/11/observacao-de-aves-e-nicho-em-franco-crescimento-no-brasil_169322.html#:~:text=Apenas%20em%202019%2C%20foram%20realizados,100%20mil%2C%20afirma%20Carvalho. Acesso em: 20 jul. 2020.

MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI. **Aquário Jacques Huber**, s.d. Disponível em: <https://www.museu-goeldi.br/assuntos/visitacao/aquario-jacques-huber-1>. Acesso em: 08 mai. 2021.

PACHECO, R. T. B.; RAIMUNDO, S. Parques urbanos e o campo dos estudos do lazer: propostas para uma agenda de pesquisa. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**. Belo Horizonte, v. 1, n. 3, p.43-66, set./dez. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbel/article/view/462>. Acesso em 20 out. 2021.

PAIVA, M. F. S. **Técnicas de aquarismo em aquários públicos: desenvolvimento de novas técnicas**. Relatório de estágio para obtenção do grau de Mestre em Aquacultura. Leiria: Escola Superior de Turismo e Tecnologia do Mar, Instituto Politécnico de Leiria, 2011. Disponível em: https://iconline.ipleiria.pt/bitstream/10400.8/586/1/Mestrado%20em%20Aquacultura%20Miguel_Paiva.pdf Acesso em: 07 jul. 2020.

PANOSSO NETTO, A. **O que é turismo**. São Paulo: Brasiliense, 2010.

PARÁ. **Belém da Saudade: a memória de Belém do início do século em cartões-postais** (2ª ed.). Belém: SECULT. 1998. Disponível em: <https://fauufpa.files.wordpress.com/2015/03/belc3a9m-da-saudade.pdf> Acesso em 15 mar. 2020.

PIVETTA, M. Ilha de calor na Amazônia. **Pesquisa FAPESP**, 200, out. 2012. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/ilha-de-calor-na-amazonia/>. Acesso em: 27 mai. 2021.

RIBEIRO, F. A. S.; CARVALHO UNIOR, J. R.; FERNANDES, J. B. K; NAKAMURA, L. . Comércio brasileiro de peixes ornamentais. **Panorama da Aquicultura**, v. 110, p.54-59, 2008. Disponível em:

https://www.researchgate.net/profile/Jaime-Carvalho-Junior/publication/313904504_Comercio_Brasileiro_de_Peixes_Ornamentais/links/58b4780daca2725b541c39df/Comercio-Brasileiro-de-Peixes-Ornamentais.pdf Acesso em: 12 jul. 2020.

SANJAD, N. **Emílio Goeldi (1859-1917): aventura de um naturalista entre a Europa e o Brasil**. Rio de Janeiro: EMC, 2009.

SANTOS, L. C.; GALLON, V. P.; VIRGA, R. H. P. Educação ambiental realizada no Aquário Acquamundo, Guarujá. **Revista Ceciliana** v. 1, n. 2, p.57-61, 2009. Disponível em: https://sites.unisanta.br/revistaceciliana/edicao_02/2-2009-57-61.pdf Acesso em: 07 jul 2020.

SCOPEL, J. M.; SCHNEIDER, V. E.; VILLAS-BOAS, V.; CAVALLI, G. L. O aquarismo na escola: conhecer para preservar os ecossistemas aquáticos. In: MACHADO, C. P. (Org.). **Ensino de ciências: práticas e exercícios para a sala de aula**. Caxias do Sul: Educus, 2017, p.86-96.

SILVA JUNIOR., J. M.; SILVA, F. L. Importância econômica do turismo de observação de golfinhos no Parque Nacional Marinho de Fernando de Noronha no ano de 2007. ENCONTRO NACIONAL SOBRE CONSERVAÇÃO E PESQUISA DE MAMÍFEROS AQUÁTICOS, 5, 2008, São Vicente. **Anais [...]**. São Vicente, São Paulo.

SILVA, S.; CARVALHO, P. O turismo de jardins em Portugal: realidade ou utopia? Uma análise aos tours de jardins no país. **Turismo e Desenvolvimento**, v. 4, n. 21/22, p.447-458, 2014. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/311426946_O_turismo_de_jardins_em_Portugal_realidade_ou_utopia_Uma_analise_aos_tours_de_jardins_no_pais. Acesso em: 22 jul.2020.

SILVA, L. A. F.; MORTZ, T.; CAMARA, M. G.; SIGNORETTI, A.). Turismo de observação de cetáceos no litoral sul do Rio Grande do Norte, Brasil. **Turismo e Desenvolvimento**, v. 4, n. 21/22, p.423-436, 2014. Disponível em: <http://each.usp.br/turismo/publicacoesdeturismo/ref.php?id=5876>. Acesso em: 20 jul.2020.

SILVA, F. S.; SANTOS, S. D. F.; TERÁN, A. F. O Jardim Zoológico do CIGS: um espaço estratégico para despertar a sensibilização ambiental. **REAMEC**, Cuiabá, v. 7, n. 2, p.280-292, 2019. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/reamec/article/view/8724>. Acesso em: 18 ago. 2020.

SOARES, A. C. L. **Impactos da urbanização sobre parques públicos: estudo de caso do Parque Zoobotânico do Museu Goeldi (Belém – Pa)**. 189f. 2009. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente Urbano. Universidade da Amazônia,

Belém, 2009. Disponível em: <https://repositorio.museu-goeldi.br/handle/mgoeldi/1233>. Acesso em: 20 out. 2021.

STAMBUK, G. K. U. **Oceanário de Florianópolis**. Monografia (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo), 2019, 116f. Universidade do Sul de Santa Catarina, Florianópolis, 2019. Disponível em: <https://www.riuni.unisul.br/handle/12345/9432>. Acesso em: 18 ago. 2020.

STREGLIO, C. F. da C.; OLIVEIRA, I. J. Parques urbanos de Goiânia-Go: papel social e potencial turístico. **RA E GA**. v. 23, n. 2011, p.317-339. Curitiba, UFPR. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/271062271_PARQUES_URBANOS_DE_GO_IANIA-GO_PAPEL_SOCIAL_E_POTENCIAL_TURISTICO. Acesso em: 15 out. 2021.

APÊNDICE

AQUÁRIO JACQUES HUBER

114

Identificação

Sexo: () Masculino () Feminino

Idade: () 21 a 30 anos () 31 a 40 anos () 41 a 50 anos () Acima de 50 anos

Escolaridade

() Fundamental Incompleto () Superior Incompleto

() Fundamental Completo () Superior Completo _____

() Ensino médio Incompleto () Pós-graduação _____

() Ensino médio Completo

Qual o nível de importância que você dá ao aquário? Justifique.

() Sem importância

() Indiferente

() Importante

Avaliação

| ASPECTOS | AVALIAÇÃO | | | |
|----------------|-----------|---------|-----|-----------|
| | RUIM | REGULAR | BOM | EXCELENTE |
| Acessibilidade | | | | |
| Sinalização | | | | |
| Recepção | | | | |
| Climatização | | | | |

| | | | | |
|----------------|--|--|--|--|
| Infraestrutura | | | | |
|----------------|--|--|--|--|

Tourism and Species Observation in Urban Parks: visitors' perception of the Jacques Huber aquarium at the Zoobotanical Park of the Museu Paraense Emílio Goeldi – Belém (PA)

Abstract

Species observation in closed environments such as urban parks can be a tourist attraction that associates the trip with the contemplation of elements, such as fauna and flora. Regarding fauna observation, aquariums are one of the important environments for the contemplation of ichthyofauna, as well as being a favorable space for leisure and Environmental Education (EE). The Jacques Huber Aquarium (AJH) of the Emílio Goeldi Museum of Pará (MPEG) is located in the municipality of Belém, state of Pará and has several aquatic species and Amazon reptiles suitable for species observation, environmental education and leisure. Inaugurated in 1911, it is considered the oldest public aquarium in Brazil. The objective of this article was to identify the perception of visitors about the space, as well as its accessibility, signage, air conditioning and infrastructure, as well as whether it is an EE space and the profile of its visitors. In addition to the bibliographic research, 157 semi-structured and closed questionnaires were applied from March to May 2019 with a qualitative and quantitative approach, the result of which classified the Aquarium as an excellent space for species observation. However, the public pointed out the need for more monitors to strengthen the educational perspective of the space. It was concluded, therefore, that the AJH has a structure accessible to its visitors, but there is a need to perceive it as a place of education and informal knowledge, through a more consolidated and effective monitoring system.

Keywords: Jacques Huber Aquarium. Tourism. Amazon. Urban Park.

Artigo submetido em 15/11/2021. Aceito para publicação em 12/04/2022.